

Kenneth Mathews, Gênesis, Sessão 7, Noé e o Dilúvio, Parte 1, Gênesis 6:9-9:29

© 2024 Kenneth Mathews e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kenneth Mathews e seus ensinamentos sobre o livro de Gênesis. Esta é a sessão 7, Noé e o Dilúvio, Parte 1, Gênesis 6:9-9:29.

A sessão sete diz respeito a Noé e ao relato do Dilúvio, e poderíamos começar perguntando: por que é que tanta atenção do autor de Gênesis é dada ao episódio de Noé e do Dilúvio? É a narrativa mais longa nos capítulos iniciais dos versículos um a onze.

Você descobrirá que os capítulos seis e sete são preparatórios para o comissionamento de Noé, e depois para a construção da arca, e depois para a queda da chuva. No capítulo oito, temos o recuo das águas do dilúvio, concluindo o capítulo oito com o desembarque de Noé e família, e então Noé constrói um altar e adora o Senhor, e o Senhor fornece uma garantia de que nunca mais a terra será destruída. destruída pelas enchentes. Portanto, os capítulos seis, sete e oito são sobre a ascensão e depois a descida do dilúvio.

O capítulo nove também se enquadra no título, estas são as gerações de Noé, e o capítulo nove é a aliança de Deus que ele faz com Noé e todas as criaturas da terra. Então, temos muitos capítulos dados a Noé. Além disso, descobriremos que o autor está muito interessado nos detalhes relativos ao dilúvio.

Agora, quando você considera isso, você tem que concluir que na mente do autor, Noé, e o Dilúvio foi um excelente exemplo do que ele está ensinando e quais são sua visão teológica e de mundo. Assim, encontramos Noé e o Dilúvio como um bom exemplo da tese apresentada pelo autor de Gênesis a respeito da história universal da família em Gênesis 1 a 11. Essa é toda a noção de que Deus tem uma bênção para a humanidade e que ele irá realizar esta bênção ao comissionar e capacitar a família humana a realizar a bênção do capítulo um, versículo 28, onde Deus diz que a família humana deve procriar e exercer domínio sobre a terra.

Agora, no entanto, existem ameaças a essa bênção e, como consequência da rebelião no jardim, do assassinato de Caim contra Abel, e depois da trajetória e ascensão da maldade humana que se torna tão difundida e tão intensa que agora este dilúvio é necessário. Assim, o julgamento de Deus recai sobre a família humana por causa da maldade que o impedirá e ameaçará os bons propósitos de Deus para a família humana. E isso será associado, no entanto, repetidamente do jardim novamente, Caim e Abel, com a conta do jardim, lhes é prometido um libertador.

Eles estão preparados para a vida fora do jardim. E então , fora do jardim, descobrimos que embora Abel, o descendente justo da família, seja assassinado por Caim, há a substituição de Sete. E o que se segue ao capítulo quatro é a genealogia dos setitas do capítulo cinco .

E aí, embora tenhamos o refrão contínuo, e depois ele morreu, dando uma conclusão a cada um que está na genealogia setita , há Enoque que caminhou com Deus e foi trasladado sem experimentar a morte, o que foi um lembrete de que Deus tem uma bênção de vida para a família humana. Se eles viverem em conformidade com a nossa comunhão, andando nos caminhos morais de Deus, então descobrimos que o capítulo seis, versículos de um a oito, foi uma passagem crítica na ponte entre a genealogia encontrada no capítulo cinco e depois o relato do inundaçãõ que se segue. A razão pela qual esta é uma ponte tão importante entre os dois é porque descreve o casamento misto entre os descendentes de Caim, a linhagem rebelde e perversa, e a descendência, a linhagem justa dos setitas .

Os limites são ultrapassados e o resultado é a maldade generalizada que caracteriza aquela era no tempo de Noé. Em seguida, encontramos, então, a descrição de Noé, que se destaca em sua geração. Portanto, isto nos dá o pano de fundo para compreender que, em meio ao julgamento apropriado contra a maldade e a violência da humanidade que se desenvolveu em direção a uma perversidade e destruição cada vez maiores da família humana, Deus escolhe, então, realizar uma preservação misericordiosa da humanidade. a família humana que ele ama, e pela qual ele pode continuar o seu plano progressivo de salvação através da descendência da mulher, como nos é relatado no capítulo três, versículo 15, promessa para a família humana.

Esse raio de luz no meio das trevas, a escuridão esmagadora do pecado e da violência que ocorre, será através de Noé. Então, temos essas partes que compõem esta narrativa longa e detalhada porque ela se encaixa muito bem com a mensagem teológica abrangente de Gênesis 1 a 11. Notaremos a inversão que ocorre nesta narrativa, que tem um arranjo literário.

Ele fala da tese teológica subjacente. O literário seria como Deus pega a criação e a reverte, a incriação, e então intervém e restaura sua criação. Agora, haverá mudanças e falarei sobre elas em um momento.

Então, se olharmos para o arranjo, as águas subjagam a criação e a incriação, e a linguagem usada fala de como Deus descrevia o que ele criou no capítulo um, e então ele intervém e recria. Se você observar o arranjo literário, poderá pensar em como os capítulos seis e sete têm a ver com o comissionamento, a construção da arca e depois a subida das águas, aquele pico. E se você pensar em uma subida, digamos, a uma montanha em sua mente, o Monte Ararat, e então ela atinge o pico, e então é invertida porque há um recuo das águas e uma secagem do solo.

E para que o remanescente que Deus salva desembarque e então adore ao Senhor com espírito de ação de graças. E então, de Noé, seus três filhos produzirão toda uma nova

prole que viverá sob a bênção de Deus, que será nomeada no capítulo nove, a aliança que Deus faz. E as promessas são renovadas e as garantias que Deus deu a Adão e Eva no jardim são reafirmadas.

Depois disso, você descobrirá que há uma seção, capítulo nove, versículos 20 a 29, que descreve a embriaguez de Noé e a bênção da maldição que ele invoca em relação a seus filhos. Então, não termina com uma nota feliz, e certamente não começa com uma nota inicial, mas a estrutura da história nos diz que Deus tem um plano e que Deus está supervisionando esse plano, e ele vai trazê-lo a uma conclusão feliz quando continuamos a ler o livro de Gênesis porque há esperança. Agora, o intervalo de tempo em que esta inundação ocorre é de cerca de um ano.

No capítulo sete, versículo 11, nos diz que Noé e sua família entraram na arca, e então, no capítulo oito, versículo 13, somos informados de que eles saíram da arca, e os detalhes então são projetados para falar dos eventos importantes a respeito. A inundação. Agora, a arca em si tem cerca de 150 metros de comprimento e 25 metros de largura, e é composta de três andares. Você pode pensar nela como uma barcaça retangular flutuante projetada para enfrentar as tempestades.

Foi uma prisão de liberdade, segurança e libertação, estranhamente, porque foi uma prisão durante este longo ano, mas ao mesmo tempo, protegeu-os das águas. O que descobrimos então é que, se você pensar em tal estrutura, ela não tem capitão, exceto o de Deus. Não há vela.

Não há leme. Está tudo sob o cuidado providencial e soberano de Deus, que supervisiona a sobrevivência de Noé e da família. Pode ajudá-lo, já que conhecemos o esporte como uma analogia, que seu comprimento, 150 metros, seja aproximadamente o comprimento de um campo de futebol e meio.

Agora, devido à extensão, ao detalhe e aos desafios que este relato narrativo preocupa aos intérpretes, e quão importante ele é para o livro de Gênesis, provavelmente lidaremos com esta narrativa em duas partes. Então, a sessão sete de hoje é a primeira parte. A sessão oito encerrará nosso tempo, e esta é a sessão que se segue.

Acho que faríamos bem em ter uma barra lateral aqui, um aparte que falasse sobre a relação dos antecedentes do antigo Oriente Próximo, como devemos interpretá-los à luz dos paralelos bíblicos, e como eles podem nos informar e ainda assim ser um prisma através que lemos o relato bíblico, mas sim dando-nos informações complementares. Vamos começar então; se você tiver um mapa, o que seria muito útil é um atlas, e talvez no final da sua Bíblia, você terá uma série de mapas. Vou falar primeiro sobre o mundo de Israel.

O mundo de Israel. Se você conseguir imaginar o Mediterrâneo a oeste e depois a leste, terá as nações da Mesopotâmia. A própria Mesopotâmia significa a terra dos dois rios, referindo-se aos tigres do Eufrates.

Já no terceiro milénio AC, havia um grupo de pessoas com uma nação civilizada altamente elevada, os sumérios, e quero dizer isto com cuidado porque não estou a falar dos samaritanos descritos no Novo Testamento. Os sumérios não são mencionados na Bíblia. Depois deles vieram o povo lembrado como os acadianos, e em seguida seguiu-se a invasão dos amorreus, e o maior rei dos povos amorreus, você pode ter ouvido falar dele por seu código de leis, as leis de Hamurabi, e ele reinou por volta de 1800 AC.

Bem, como você pode ver, em virtude do terceiro e segundo milênios, houve instabilidade naquela região do Tigre-Eufrates, dos sumérios, dos acadianos, dos amorreus, e então, à medida que avançamos para o primeiro milênio, você tem o Babilônios e os Assírios. Assim, todos os historiadores concordam que esta região foi provavelmente o berço da civilização, tal como é apresentada na Bíblia. Agora, isso fica ao leste, e depois ao sul de Israel estão, é claro, os grandes povos do Egito, os egípcios.

A diferença entre os grupos étnicos egípcios e os mesopotâmicos seria, no que diz respeito à sua vida sócio-política, a quase uniformidade do domínio egípcio naquela região no início dos milénios, porque o Nilo proporcionava muito mais estabilidade e solidariedade aos regimes egípcios. O Nilo egípcio forneceu então uma fonte de alimento muito mais segura e previsível. A Bíblia fala de como grupos como Jacó e seus filhos desceram ao Egito para comprar alimentos e como é importante que José tenha sido fundamental para garantir uma fonte futura de alimento e estabilidade que se tornou disponível para vários grupos diferentes que migraram para Egito para comprar e viver.

Assim, as dinastias egípcias eram, na sua maior parte, menos numerosas nos seus regimes étnicos. Quando pensamos no próprio Israel, e podemos usar o nome antigo, Canaã, ele fica entre estas duas grandes potências, e essa seria a região Síria-Palestina, Síria-Palestina. Se você imaginar o que é conhecido como Crescente Fértil, estas são as terras agrícolas, aquelas que poderiam, essas áreas que poderiam sustentar civilizações.

E é como um arco ou uma lua crescente. Se você começar no Tigre-Eufrates, no leste, e em sua mente for para o noroeste e descer para o sul através da Síria e da Palestina até o Egito, esse é o crescente, esse é o arco da civilização mais antiga. E, portanto, você pode ver que a antiga Canaã era uma ponte importante entre as potências do norte, como os hititas no nordeste, como dissemos sobre os assírios e os babilônios, e depois os egípcios no sul, uma ponte terrestre muito importante. .

Assim, qualquer uma destas grandes potências que controlasse aquela região teria uma vantagem social e política no controle desta antiga massa de terra fértil do Próximo Oriente. Portanto, dentro daquela área de Israel, não existe um grupo de pessoas uniforme durante o tempo da ocupação bíblica da antiga Canaã e mais tarde de Israel. Especialmente você notará que em Gênesis e depois na Torá como um todo, temos vários grupos étnicos: os hititas, os cananeus, os amorreus, os filisteus e outros.

Em outras palavras, havia numerosas cidades-estado, não um império uniforme, como os assírios, os babilônios, os egípcios, mas aqui temos pequenos reis. E estes vários reis, por vezes, durante a longa história do terceiro e segundo milênios, a.C., claro, por vezes mostraram independência e interdependência dentro de si, e outras vezes estiveram sujeitos aos egípcios ou aos mesopotâmicos. Então, essas cidades-estado pontilhavam a terra de Canaã.

E o estilo de vida nessas cidades-estado teria sido urbano, e ao redor delas as cidades muradas de seu reinado e governo eram as pessoas comuns. A maneira como viviam os patriarcas e outros como eles seria o que os sociólogos hoje chamam de dimórfico em seu estilo de vida. Di, DI, significando duas formas mórficas, duas formas de como eles extraíam seu sustento na vida.

Quais são as duas formas? Vemos isso refletido na vida dos patriarcas bíblicos. Por um lado, descobrimos que são povos migrantes e itinerantes, e isto tem a ver com o seu pastoreio. Eles também fixariam residência em cidades locais para os patriarcas.

Você descobrirá que Hebron era um lugar muito importante para Abraão. Então, esse é o estilo de vida dos patriarcas, e você descobrirá que isso ocorre ao longo da história patriarcal. Agora, vamos falar sobre o que essas civilizações disseram sobre a criação no início da história humana.

E queremos fazer uma pausa, como disse anteriormente, e pensar sobre o método que deveríamos empregar quando se trata de aprender com as civilizações do mundo antigo. E o que é muito comum quando se trata de metodologia é comparar e contrastar, ver as semelhanças e as diferenças. Agora, isso pode ser enganoso porque, embora você possa ter muitos pontos em comum ou, por outro lado, muitas diferenças, o que é mais importante do que esses detalhes, que na verdade podem ser incidentais, é a visão de mundo subjacente fundamental que cada grupo tem.

E no caso destes vários outros grupos de pessoas, o que é dominante na sua ideologia seria a forma como eles são dados às religiões da natureza, e seria assim que os vários deuses no seu politeísmo controlam esferas ou regiões da ordem criada, tais como o céu e o submundo. Penso que a melhor maneira de entender é ver então não um empréstimo direto de uma cultura para outra, mas sim uma memória comum universal, digamos, do relato do dilúvio, e que o relato bíblico fornecerá então ao

leitor uma base confiável. relato do que dizia respeito ao dilúvio e, a partir disso, você terá as diferenças e, em seguida, as semelhanças comuns entre as histórias. Seria como compreender a cultura, digamos, dos móveis e como podemos aproveitar o pano de fundo sem sermos escravizados pela forma como as outras culturas descreveram e compreenderam a criação e o grande dilúvio.

Pode ser assim: a maioria das pessoas com alguma educação saberá sobre a origem das espécies de Charles Darwin e sua teoria da evolução biológica. No entanto, muito poucos que seriam capazes de lhe dar uma breve descrição do que é encontrado na origem das espécies nunca o leram. E eu diria o mesmo para os leitores dos primeiros relatos da história humana primitiva na leitura da Torá, e isso é que não há necessidade de haver uma ligação direta, mas sim uma ligação indireta entre o relato de Israel da história humana e o que encontramos nos outros relatos da criação e do grande dilúvio.

Uma coisa que precisamos diferenciar é a linguagem usada em nossa cultura em relação ao mito e, por exemplo, à lenda. Às vezes confundimos esses termos e nem sempre temos uma compreensão precisa de um mito. Podemos pensar no mito como uma história de fantasia.

Começamos pelo mito e depois falarei da lenda. O mito, para muitas pessoas, é apenas uma história que não é verdadeira, é fictícia. Isso é projetado para entretenimento.

Há algo muito mais importante em ação quando se trata de mito ao descrever a ideologia e a teologia dos povos antigos, e é que um mito era de fato um relato que descrevia os deuses e a ordem criada na vida humana. E o objectivo do mito é mostrar que os deuses foram fundamentais no desenvolvimento e na manutenção não só da natureza, na qual pensamos imediatamente, mas também das várias instituições sociais e governamentais que foram essenciais na vida da antiga família humana. Então, quando isso acontece, como vocês devem saber, existe uma relação contígua entre um deus e a natureza, o material e o físico.

Então, você teria, por exemplo, os deuses, digamos, dos deuses que são nomeados em cada cultura em homenagem ao sol, a divindade do sol. No Egito é Re, RE. E entendeu-se que o deus do sol é quem deu ao sol a sua animação, a sua vida.

E assim, como resultado, o próprio sol, governado e controlado pela divindade, é divino. E é assim que ideologicamente o sol, por exemplo, poderia ser adorado. A maioria dessas narrativas da criação envolve o que antecedeu os deuses.

Em outras palavras, a criação ou origem dos próprios deuses é chamada de teogonia. E assim, como resultado, a fim de controlar favoravelmente aspectos hostis ou benéficos da natureza quando se tratava de adoração, foi dada então uma tentativa por parte do

povo de controlar as divindades, mostrando favor a elas. Agora temos no Egito, por exemplo, e começaremos por aí, com a criação de contos.

Não existe uma teologia sistemática da criação. Há uma variedade de explicações sobre como os deuses foram criados e, por sua vez, como criaram o universo. O que eu queria mencionar primeiro é Atum de Heliópolis.

Atum, Atum. Ele é o deus criador. A única fonte da qual tudo emana emerge do seu ser.

E você se lembra quando falamos sobre a criação, eu diferenciei, como a Bíblia nos mostra, que o ensino da criação é que Deus trouxe a criação à existência e que ele e a criação são entidades independentes. Em outras palavras, a criação não é divina, e ele, que é Deus, não depende da criação, mas antes toda a criação depende dele, não como uma emanção de seu ser, mas antes sendo declarada à existência por sua palavra autorizada. Agora, quando se trata de Atum, ele é retratado como uma colina primitiva que emerge das águas pré-criação, uma pequena colina, se você quiser pensar nisso, cercada por essas águas primitivas, e ele realmente passa a existir.

Em outras palavras, ele teve um começo, enquanto a Bíblia nos diz que Deus nunca teve um começo. Ele é eterno. E assim, espirrando, ou cuspiendo, ou me masturbando, venho de Atum, esta colina, os deuses menores.

Aqui está uma citação de Atum. Ele diz que fui eu quem me criou. Foi como eu desejei, de acordo com o meu coração, que me construí.

Há outra perspectiva teológica encontrada entre os egípcios de Mênfis, em oposição a Heliópolis. Chama-se teologia Menfita e também retrata uma força pré-existente, sempre uma força impessoal. E esta força no Egito é chamada de Ptah, PTAH, que é o princípio intelectual.

A fala, desde que compreendida, reflete esse princípio intelectual. E usando palavras mágicas, Ptah produz o universo a partir do outeiro primitivo, ou mônada. Esta mônada, ou seja, um, é uma entidade única, nomeadamente Atum.

Agora, a conexão com o Gênesis bíblico é superficial, quando consideramos que se trata de um discurso mágico versus um Deus que controla a linguagem, em oposição a palavras que manipulam Deus. Quando se trata da criação do homem na perspectiva egípcia, é consistentemente entendido como sendo a partir da fabricação do barro, na modelagem do barro, o que nos lembra o capítulo 2, versículo 7. Há uma representação de uma divindade sentada na roda de oleiro, formando o homem, e então a deusa dá fôlego nas narinas do homem, o que vai te lembrar do Gênesis. Curiosamente, embora o

relato de Gênesis forneça tantos detalhes sobre a criação da mulher, na literatura egípcia não há muito interesse na criação da mulher.

Agora, passemos à Mesopotâmia, que também produziu uma grande quantidade de material mitológico. A criação mais conhecida é Enuma Elish. Vou soletrar isso para você.

ENUMA, Enuma, e depois Elish, ELISH. O relato descreve duas águas primitivas. A água primitiva masculina é Apsu , APSU, Apsu , e a feminina é Tiamat, a água salgada, Tiamat, TIAMAT.

Estas são as águas masculinas e femininas que, claro, falam da coabitação das águas. E há uma figura divina que mata Apsu , e Tiamat então, como consequência, decide retaliar, então ela e suas forças demoníacas se reúnem sob o comando do rei, devo dizer o general, Kingu . E, portanto, houve esta batalha que se seguiu contra os deuses assassinos que mataram Apsu .

E há uma grande guerra que surge entre as forças demoníacas de Tiamat e depois os deuses. Mas eles têm que encontrar dentro do panteão dos deuses um deus que estará em seu nome e lutará contra Tiamat, e esse deus é a divindade padroeira da Babilônia, Marduk. Ele luta com Kingu e Tiamat, derrota-os e, como recompensa, Marduk recebe um palácio e é o rei dos deuses.

Você pode ver como esta seria uma forma de deificar, de justificar o grande rei da Babilônia e a estrutura social de um rei e, em seguida, de seus súditos. Assim, a ideologia da realeza é sustentada por aquilo que é a vida dos deuses e, portanto, justifica tal ordem de vida na Babilônia. Assim, o rei da Babilônia era então entendido como estando sob a proteção e provisão de Marduk.

Como o homem foi criado? Bem, de Kingu que foi morto por Marduk veio de seu sangue e argila uma figura, um deus morto que era a fonte da humanidade, o homem. Agora, existe a dimensão do céu e da terra, e foi assim que Marduk matou Tiamat como um molusco. Então, a metade superior de seu corpo são os céus e é a ideia de um mito que apresenta uma verdade universal e que perpetua essa verdade como tendo a base fundamental para toda a natureza e como homens e mulheres devem viver em coerência. com e dependência dos deuses.

Agora, quando se trata da criação na região cananéia do antigo Oriente Próximo, você descobrirá que a ideia principal é a de uma batalha cósmica. Agora não existe nenhum mito de criação sustentado quando se trata da cultura cananéia. Há uma proposta por parte de muitos estudiosos de que o mito sobre as batalhas entre os deuses do caos e os deuses do cosmos resultou então em uma espécie de ideologia da criação.

El era o deus principal do panteão cananeu, e ele era o deus de mais de 70 filhos, um dos quais é certamente conhecido na Bíblia, bem conhecido na Bíblia, e esse

é Baal, BAAL. Ele é visto como o deus ativo, o deus da chuva e o deus da fruição. Portanto, ele é uma divindade muito provável dos 70 filhos de El que representa o cosmos, trazendo, após derrotar os deuses do caos, uma ordem de vida sustentável pela qual a humanidade possa existir.

E assim, o relato mais conhecido desta batalha é entre Baal e as águas, Yam, em cananeu e também em hebraico YAMM, YAMM. Agora, o que devemos entender quando se trata do relato da criação? E muitas vezes o que você descobrirá é que a cosmovisão apresentada em Gênesis mostra realmente uma oposição, até mesmo polêmica, à cosmovisão do antigo Oriente Próximo em termos da criação de deuses e deusas. E especialmente importante, como comentei numa sessão anterior, é a diferença na motivação.

A motivação do Senhor nesta criação vem do seu amor, da sua bondade. Em 1 João capítulo 4, versículo 8, lemos que Deus é amor. E então somos informados de que isso foi expresso concretamente ao dar seu filho em 1 João 4, versículos 9 a 10.

E aqui diz no versículo 9 que aqui, vejamos que nisto conhecemos o amor de Deus, não que o tenhamos amado, mas que ele nos amou primeiro. E agora, como ele demonstrou isso? Ele enviou seu filho como expiação, uma propiciação pelos pecados dela. Agora, deixe-me dizer uma palavra sobre o evento da inundação.

Vejamos o que encontramos na tradição mesopotâmica. Tem a ideia concreta mais desenvolvida do grande evento de inundação. E isso é conhecido como a Epopéia de Gilgamesh.

E a 11ª tábuca da Epopéia de Gilgamesh descreve como Gilgamesh, como uma figura semidivina, está buscando a vida eterna. E ele ouviu falar de uma figura que recebeu a imortalidade dos deuses. E esta pessoa que estou prestes a nomear, este deus, devo dizer, e pessoa, é a contraparte de Noé.

Ele é o Noé mesopotâmico, por assim dizer. E o nome dele é Utnapishtim. Devo soletrar para você? Ut, UT, em vez disso UT, NAP, nap, Utnapishtim, ISH e depois TIM.

Então UTNAPISHTIM. Há outro relato disso em uma Epopéia de Gilgamesh paralela. E na verdade nos leva desde a criação até o dilúvio, assim como encontramos em Gênesis 1 a 9. Seu nome é Atrahasis.

Atrahasis, ATRAHASIS, HASIS. Agora, em Atrahasis, teremos uma motivação para explicar por que existe esta grande inundação. E a motivação por parte dos deuses era como os humanos perturbavam o sono dos deuses.

Então, o que era necessário era a destruição desses humanos barulhentos e, portanto, o dilúvio foi planejado. Na verdade, houve uma série de tentativas de remover os humanos barulhentos, mas a inundação foi a mais eficaz. Agora, existe uma ligação entre a vida

e a morte, e a Epopéia de Gilgamesh esclarece isso, como eu estava dizendo, que Utnapishtim recebe a imortalidade.

Gilgamesh viaja para encontrá-lo e pergunta como ele conseguiu isso. Lá, ele entende que foi um evento que já foi irrepetível e que ele não poderia ter a imortalidade. Mas Utnapishtim dá um presente a Gilgamesh, e é uma planta.

É uma planta nas águas. E assim, Gilgamesh recupera a planta. É uma planta que foi desenhada para regenerar Gilgamesh ou o participante da planta porque embora não lhe desse a imortalidade, restauraria a sua juventude.

Infelizmente, existe uma serpente, e isso imediatamente faz você pensar no relato de Gênesis que rouba a planta e rouba de Gilgamesh sua posse. Então, quando você compara isso com Gênesis, você descobre que a base para o que ocorre no relato do dilúvio é uma degeneração moral. E aqui está a grave diferença.

É Deus quem cria para o benefício da humanidade, e quando descobrimos que a humanidade cai em grave imoralidade, Deus deve agir com o dilúvio. Considerando as histórias de dilúvio que você encontrará na Epopéia de Gilgamesh e Atrahasis, há também um relato de dilúvio sumério do antigo Oriente Próximo. Tudo isso tem a ver com a forma como a humanidade serve aos interesses de Deus e, portanto, é o oposto do que você encontra em Gênesis.

Voltando agora ao nosso relato do dilúvio bíblico, vejamos algumas das características literárias que você encontrará no relato. E essas características literárias são importantes. Deixe-me começar, e certamente não vou citar todos eles; vamos falar sobre o capítulo 6, versículo 18.

Mas estabelecerei a minha aliança com você, e você entrará na arca, você e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos, com você. Então, há uma nomeação de oito humanos, e esta aliança não é apenas com Noé, mas com toda a família de Noé. Esta é a primeira vez que a palavra aliança ocorre na Bíblia.

É melhor pensar em uma aliança como aquela que descobriremos com a aliança de Abraão, depois a aliança feita com Israel, a aliança mosaica e depois a nova aliança encontrada em Jeremias 31. Essas alianças não são transações, mas falam a um relacionamento. E o relacionamento em mente aqui será, claro, Deus e a família Noé e como a aliança é estipulada com promessas de bênção e preservação.

Depois, no capítulo 9, são discutidos os detalhes do conteúdo da aliança. Outra coisa que você encontrará no relato do dilúvio é a repetição de palavras e a repetição desses números. Então você encontrará a repetição de setes, a expressão 40 dias e noites e a repetição de 150 dias.

E então, o que isso tem a ver com as vantagens desse tipo de repetição na construção de uma narrativa desse tipo? E essa é a sua ênfase na coesão e simetria do relato das

cheias. E como essa repetição não é o resultado de duas ou três fontes diferentes que foram remendadas, mas sim que está falando de uma história coerente, e as repetições para dar simetria à estrutura narrativa nos dizem que tudo isso está sob o soberano controle de Deus. E então, como mencionei anteriormente, temos ecos de criação, incriação, recreação, e há estratégias de palavras.

Aqui está uma: a palavra Noah, e em hebraico é pronunciado Noah, Noah. Quando você olha o capítulo 8, versículo 4, o que você descobrirá é que no capítulo 8, versículo 4, ele nos diz que a arca parou nas montanhas de Ararat. Essa palavra descanso soa como Noé.

Vem da palavra raiz hebraica nuach , nuach , nuach e, de fato, Noé é o único instrumento para dar descanso a um legado contínuo da vida humana. E há conexões importantes que estão acontecendo com a Torá. O que mencionei no dia da nossa primeira sessão é o jogo de palavras na arca.

A palavra arca é encontrada em outra passagem além do relato do dilúvio, e essa é a palavra hebraica que é traduzida como cesto em Êxodo 2, versículos 2 a 5. A construção da arca e do cesto são semelhantes. Ambos estão nas águas e são resgatados das águas. No caso do bebê Moisés, foram as águas do Nilo, e no caso do dilúvio, é claro, foram as águas do dilúvio.

Então, acho que o que podemos aprender com isso é a importância de reconhecer que, no relato do dilúvio, temos uma proclamação clara, de várias maneiras, de que Deus é o capitão da barca retangular flutuante e que a esperança de uma nova criação está em os confins desta arca, desta construção usada por Deus para preservar uma família e preservar uma família que surgirá e estará em Noé, o novo Adão de onde surgirão todos os grupos de povos. Então, quando olhamos para o cabeçalho no versículo 9, na descrição de Noé, ele era um homem justo, irrepreensível entre as pessoas do seu tempo, e andava com Deus. Aqui temos a descrição de um homem que pela fé viveu uma vida moral comparada aos seus homólogos, e então ele foi um homem que pela fé construiu esta arca segundo a instrução do Senhor.

A mensagem que tem a ver com Noé e o relato do dilúvio nos diz centralmente que, quando se trata da família da humanidade, Deus dá ao leitor a esperança de que Deus é quem é o superintendente. Há uma passagem encontrada no capítulo 7 que deixa isso bem claro, e leremos o versículo 16 onde fala que os animais que entravam na arca eram macho e fêmea de todos os seres vivos, como Deus havia ordenado a Noé, então o Senhor fechou a porta. Foi ele quem trancou Noé e o novo mundo na rede de segurança desta arca que Noé construiu sob a instrução do Senhor.

A sessão 8 será a parte 2, Noé e o Dilúvio.

Este é o Dr. Kenneth Mathews e seus ensinamentos sobre o livro de Gênesis. Esta é a sessão 7, Noé e o Dilúvio, Parte 1, Gênesis 6:9-9:29.

